

GT 15 – Educação Especial**ORIENTAÇÕES ÀS MÃES: ADAPTAÇÕES DE BRINQUEDOS PARA
ESTIMULAÇÃO VISUAL DE CRIANÇAS COM BAIXA VISÃO NA PRIMEIRA
INFÂNCIA**Silvana Maria Moura da Silva¹Maria da Piedade Resende da Costa²**1 INTRODUÇÃO**

Para Cobo, Rodríguez e Bueno (2003) cerca de 80% dos conhecimentos adquiridos pelo ser humano são obtidos através do sentido da visão, sendo reconhecida por Cavalcante (1995) como modalidade sensorial mais importante e necessária para o desenvolvimento infantil. Entretanto, o déficit sensorial representa para a criança com deficiência visual uma privação no seu desenvolvimento global, sobretudo, durante os primeiros anos de vida, cujas sequelas às vezes são irreversíveis (GARCIA, 2003). Segundo Rodrigues (2007), a perda da visão não é simplesmente a perda de um sentido isolado, mas é responsável pela integração das experiências sensório-motoras com os demais sentidos na aquisição do conhecimento, por ser um sistema altamente elaborado e ocupar na organização neurosensorial e neuromotora, o lugar mais hierarquizado.

Cavalcante (1995) e Gonçalves e Gagliardo (1998) relataram que os atrasos neuromotores apresentados pela criança com deficiência visual compreendem habilidades

¹ Pós-Doutorado pela UFSCar. Docente do Mestrado em Educação da UFMA. Endereço: Avenida dos Portugueses, S/N. Campus Universitário do Bacanga. São Luís-MA.CEP 65080-805. Telefone: 98 32728172. E-mail: smouraufma@yahoo.com.br.

² Doutora em Psicologia pela USP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCar. Endereço: Rodovia Washington Luiz, Km 235 - Caixa Postal 676 CEP 13565-905 - São Carlos-SP Tel: (16) 3351-8487. E-mail: piedade@ufscar.br.

motoras grossas como rolar, engatinhar, deambular e habilidades motoras finas como agarrar, encaixar, enfiar, enroscar, abotoar dentre outras. Para Botega e Gagliardo (1998) a deficiência visual afeta algumas interações naturais entre a criança e suas mães como o contato olho a olho, que se estabelece desde cedo.

De acordo com Gagliardo e Nobre (2001), geralmente a mãe é a responsável pelas primeiras oportunidades de estimulação e exploração do mundo que a rodeia. Para Brazelton e Nugent (1995), a figura materna é a mediadora no desenvolvimento da criança, acompanhando-a nas suas primeiras aprendizagens e rotinas, garantindo segurança afetiva e um ambiente estável e estimulador. Motta, Marchiore e Pinto (2008, p. 139) afirmam que a criança com deficiência visual “poderá precisar de ajuda até para brincar”, bem como é importante adaptar os brinquedos às necessidades e ao nível de desempenho da criança para a promoção do seu desenvolvimento integral, em especial nos casos de baixa visão. Acrescentam ainda que:

Nem sempre as pessoas com quem essas crianças interagem estão preparadas para estimular esse brincar de maneira eficiente. A utilização de um brinquedo inadequado à etapa de desenvolvimento na qual a criança se encontra pode provocar mais frustração à criança com deficiência. Dessa maneira, em alguns casos são necessárias adaptações no brinquedo para que se torne viável. Embora não exista o que se chama ‘brinquedo para crianças com deficiência’, pois os brinquedos são exatamente os mesmos que qualquer criança usa, às vezes é necessário selecioná-los com mais cuidado, porque precisam ser coerentes com as necessidades e o nível de desempenho da criança (MOTTA; MARCHIORE; PINTO, 2008, p.141).

Embora as mães sejam as pessoas que mais cuidam, interagem e mantêm vínculo afetivo com a criança com baixa visão na 1ª. infância e as principais responsáveis pelas oportunidades de estimulação nesse período etário, nem sempre estão preparadas para estimular esse brincar de maneira eficiente. Precisam ser orientadas sobre o uso de cores mais adequadas e de brinquedos adaptados à baixa visão para minimizar-lhe atrasos nos desenvolvimentos motor e visual e favorecerem a independência e autonomia dela, bem como benefícios para suas mães.

Botega e Gagliardo (1998) ressaltaram que quando as mães são orientadas, no caso do programa de estimulação visual do qual participam, sentem-se instrumentalizadas por conhecerem as potencialidades de seus filhos e as peculiaridades do seu desenvolvimento. Bueno (2003) acrescenta que se as crianças com deficiência visual participarem de programas de estimulação nos primeiros meses de vida, se os pais forem orientados e apoiados nas primeiras interações, na construção do vínculo e no processo sensório-motor, o desenvolvimento delas poderá alcançar um padrão semelhante aos das outras. Segundo

Botega e Gagliardo (1998, p. 46) dizem que “a intervenção precoce torna-se um recurso precioso para o processo de desenvolvimento da criança deficiente visual”.

No caso de superproteção da criança com baixa visão nos dois primeiros anos de vida em seu ambiente familiar, as experiências sensório-motoras sofrem limitações, sobretudo quando é deixada sentada ou é estimulada por brincadeiras passivas pelo medo que a família tem de a criança se bater e se machucar. O isolamento da criança com baixa visão, a falta de curiosidade dela para explorar o meio e os objetos, a ausência de oportunidade de brincar causam sua imobilidade, gerando ou agravando atrasos neuromotores apresentados (BUENO, 2003).

O estímulo visual deve permanecer durante as brincadeiras e situações de rotina diária, fazendo parte delas. Quando a criança está aprendendo a usar a visão é necessário que sejam colocados no seu campo visual objetos e brinquedos com padrões de alto contraste (amarelo/preto; preto/branco; cinza/preto; vermelho-preto; azul/amarelo, roxo/amarelo), padrões de grating (listras), de cores fortes (amarelo, vermelho, laranja, verde limão, rosa forte), fluorescentes, brilhosos e luminosos (BRUNO; MOTA, 2001). Se a criança é estimulada a olhar para objetos e brinquedos, as funções visuais desenvolvem-se rapidamente, fazendo com que ela fique ciente da sua capacidade visual pelo aumento do número de conexões entre as células do cérebro durante o 1º. ano, período sensível para se estimular a visão infantil por causa da plasticidade cerebral. Para Hyvärinen (1990) o objetivo é estimular ao máximo a visão remanescente, melhorar sua eficiência visual e aumentar a acuidade visual. Além disso, durante o primeiro ano de vida ocorrem as maiores e mais rápidas transformações no desenvolvimento visual, cujos ajustes finos se processam em etapas posteriores e podem evoluir até por volta dos oito ou nove anos de idade, completando-se o desenvolvimento da capacidade visual da criança (ALVES; KARA-JOSÉ, 1996).

Os brinquedos e as brincadeiras com as crianças com baixa visão devem ser selecionados em função da idade, das características, necessidades e das potencialidades dessas crianças e de seu entorno, aproveitando-se as situações de rotina diária (banho, brinquedo, alimentação, troca, passeio, entre outras) para brincar com ela. Os materiais de uso diário (esponjas, tecidos, copos, pratos, vidros plásticos, cabides, meias) e os materiais de sucata ou recicláveis (latinhas e garrafas pet de refrigerante, copinhos de iogurte, caixas de papelão de vários tamanhos) existentes no ambiente familiar podem ser utilizados para confecção de brinquedos interessantes (BRUNO; MOTA, 2001).

Em relação às adaptações dos brinquedos, Teixeira et al. (2003) recomendam que devem ser cuidadosamente planejadas e integradas à vida cotidiana infantil, considerando que a criança com deficiência visual não aprende de maneira incidental como a criança vidente. O ambiente de aprendizagem deve ser planejado e organizado, de forma que amplie e enriqueça suas experiências de vida, ofereça informações diversificadas para facilitar a aquisição de conhecimentos (MASINI; GASPARETTO, 2007). Entretanto, cada indivíduo possui sua própria história, patologia e capacidade interna de se envolver no processo adaptativo.

De acordo com Teixeira et al. (2003), alguns aspectos devem ser considerados na adaptação de brinquedos para criança com baixa visão. Esses aspectos são: necessidade de serem práticos, funcionais e de aceitação por essa criança; aumento de contraste, uso de cores fortes e ampliação no tamanho de objetos e brinquedos para facilitar a sua percepção visual.

Outras características citadas por Trombly e Radomski (2005) são necessárias para garantir que as adaptações de brinquedos para crianças com deficiência visual sejam eficientes: ter um objetivo específico a ser atingido; não encorajar e nem exigir movimentos ou posturas fora do comum; os brinquedos devem ser bem adaptados e construídos sem ocasionar riscos ou danos à criança; realizar adaptações que serão benéficas para a criança.

O sucesso de todo o processo de estimulação e interação depende de a criança e a sua família puderem expressar satisfação quanto à utilização dos brinquedos adaptados, que estejam bem ajustados às necessidades da criança com deficiência visual e que o seu manuseio seja prático e fácil. Ressalta-se, também, a necessidade de os brinquedos serem funcionais (MOTTA; MARCHIORE; PINTO, 2008).

O kit de Pérez-Ramos e Pera (2002) é um material psicopedagógico para a primeira infância, direcionado para os familiares e diferentes profissionais (psicólogos, psicopedagogos, educadores, terapeutas ocupacionais, pediatras, entre outros) e tem por objetivo enriquecer os programas das instituições responsáveis pelo atendimento de crianças com e sem distúrbios no seu desenvolvimento nos dois primeiros anos de vida. Foi elaborado mediante a experiência profissional das autoras na docência, no campo da estimulação precoce, na direção de berçários e de clínicas de orientação de pais, bem como do resultado de reflexões sobre as contribuições teóricas e de pesquisas nacionais e internacionais voltadas para o desenvolvimento infantil, estimulação precoce, psicopedagogia, tentando preencher uma lacuna existente em relação aos recursos teórico-práticos na primeira infância.

Tal kit apresenta um manual, que contém a parte teórica sobre o processo evolutivo infantil nos dois primeiros anos de vida, dividido em cinco etapas: do nascimento aos 4 meses; dos 4 aos 8 meses; dos 8 aos 12 meses; de 1 ano a e ao e meio, e de 1 ano e meio a 2 anos de idade. Contém, também, outra prática sobre atividades estimuladoras, acompanhadas de material de apoio como brinquedos e um conjunto de brinquedos estimuladores, organizados cronologicamente e, ainda, uma série de fichas orientadoras para a utilização desses recursos educacionais. Suas várias unidades inter-relacionam conceitos teóricos com estratégias e recursos práticos (PÉREZ-RAMOS; PERA, 2002).

É importante considerar que entre os brinquedos contidos nesse kit, há o tapete sensorial, recomendável para aqueles bebês que já estão se sentando. Coincidência é que este tipo de material lúdico é indicado, também, para a criança com baixa visão, por especialistas como Bruno e Mota (2001).

No quadro 1 tem-se indicações de brinquedos adequados a cada período etário.

Quadro 1- Brinquedos adequados para os períodos etários: do nascimento até seis anos

PERÍODOS ETÁRIOS	BRINQUEDOS ADEQUADOS
Do nascimento a 4 meses	Móbiles coloridos; pequenos chocalhos coloridos; brinquedos para morder; bichinhos de vinil.
Dos 8 aos 12 meses	Brinquedos de puxar e de empurrar; livros de pano; argolas de plástico para encaixe; cubos e bonecas de pano; bichos de pelúcia; João Bobo; caixa com objetos variados para colocar e tirar; caixa de música; peças de encaixe; brinquedos para brincar na água ou na areia.
Dos 18 aos 24 meses	Carrinhos ou outros brinquedos de puxar e empurrar; blocos de construção; brinquedos de desmontar; túnel para atravessar; cavalo de pau; carro ou bicicleta sem pedal; livros com ilustrações coloridas e simples; bolas.
Dos 2 aos 6 anos	Livros de pano com figuras; telefone; panelas e todo tipo de utensílios de cozinha; bonecas; máscaras, chapéus, fantasias e capas; fantoches; bichos de plástico e de pelúcia; massa de modelar; quebra-cabeça (simples); tambor, corneta, pianinho, pandeiro; carros, caminhões, trenzinhos e aviões; cabanas e casinhas; balde e pazinha; casa de boneca com móveis; caixa registradora; cidadezinha, fortes, circos e fazendas; posto de gasolina; bicicleta; material para fazer bolhas de sabão

Fonte: Maluf (2003)

Os exemplos de brinquedos mostrados no quadro 1 do nascimento até um pouco mais de dois anos, foram indicados nas orientações às mães das crianças com baixa visão na pesquisa realizada, com indicações sobre o uso de cores mais adequadas às condições visuais delas.

Nas crianças com deficiência visual os sentidos do tato, da audição, do olfato e do paladar são predominantes por vivenciarem um mundo sem visão. Os pais e profissionais precisam compreender esse mundo sem visão para que colaborem com a aprendizagem significativa dessas crianças, podendo viabilizá-la através da inclusão prazerosa do brincar nas relações familiares e escolares. A interação e a participação da criança com deficiência visual na vida familiar, na escola, na comunidade podem ser facilitadas pelos brinquedos e brincadeiras (SIAULYS, 2006).

O Manual Brincar para Todos de Siaulys (2006) é um precioso material, elaborado como alternativa para preencher uma lacuna existente em relação à criação e ao desenvolvimento de jogos e brinquedos educativos, particularmente, para crianças cegas ou com baixa visão, revelando a preocupação com a educação dessas crianças ser mediada pela participação ativa de pais e professores nesse processo. Trata-se de um manual informativo, descritivo, que orienta os pais e educadores(as) sobre a realização de jogos e brincadeiras para bebês, crianças pré-escolares e escolares com ou sem deficiências visuais, no sentido de propor progresso no desenvolvimento global deles. É necessário apenas variar as brincadeiras, oferecendo possibilidades diferentes, de acordo com a idade e com o nível de desenvolvimento infantil. O referido manual fornece orientações para a utilização de brinquedos e atividades lúdicas estimuladoras, alertando para a importância de cada brinquedo na promoção do desenvolvimento infantil. A riqueza desse material é uma possibilidade de eliminar as barreiras, que impedem o acesso ao conhecimento às pessoas com deficiência e às suas mães. Muitas vezes elas não têm acesso a informações para promoverem oportunidades de desenvolvimento e melhora da qualidade de vida da criança e de sua família.

Quanto às possibilidades de utilização dos brinquedos contidas no Manual Brincar para Todos (SIAULYS, 2006), elas não se esgotam nas descrições feitas, são muito mais amplas do que aquelas apresentadas neste manual e devem ser exploradas e ampliadas pelos pais, mães, cuidadores (as) e educadores(as). Além desses aspectos, as crianças também são estimuladas a descobrir com os brinquedos inúmeras variações de brincadeiras, a partir da experimentação, construção e reinvenção. A seção “Outras descobertas” constitui-se em um espaço reservado para registrar outras maneiras de a criança brincar, diferentes formas de facilitar o desenvolvimento dela, utilizando o brinquedo nas atividades lúdicas estimuladoras.

Os brinquedos citados por Siaulys (2006) apresentam cores fortes, alto contraste, texturas, formas, pesos, tamanhos e consistências variados e são bastante adequados para o trabalho com crianças cegas e com baixa visão. Cada brinquedo possui a descrição de como é, como confeccioná-lo, seus objetivos e sugestões de brincadeiras a serem realizadas com as

crianças, podendo-se, no entanto, variar em função da criança com a qual o brinquedo será usado e do seu contexto de desenvolvimento. Enfim, esse manual contém uma variedade de informações e sugestões sobre atividades lúdicas estimuladoras, com cuidadosa sistematização de brinquedos educativos e apresentação gráfica colorida, alegre e ricamente ilustrada.

Partindo desses aspectos, esta pesquisa se propõe a responder às seguintes questões:

a) Quais são as cores mais adequadas dos brinquedos que devem ser utilizados na estimulação visual de crianças com baixa visão? b) Quais os aspectos que devem ser considerados na adaptação de brinquedos para essas crianças?

Este artigo tem como objetivo descrever orientações às mães sobre brinquedos adaptados e o uso de cores mais adequadas para a estimulação visual de crianças com baixa visão na 1ª infância para serem utilizados nas brincadeiras em seus ambientes familiares durante as situações de rotina.

2METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa de campo sob a forma de estudo multicaso com observações sistemáticas (GONÇALVES, 2005). As pesquisadoras coletaram informações diretamente com os sujeitos envolvidos em seus ambientes familiares, descrevendo as características do objeto de estudo, reunindo um conjunto de informações que foram documentadas (GONSALVES, 2003).

Esta pesquisa por envolver seres humanos (crianças com baixa visão e suas mães) foi realizada, de acordo com a Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), em vigor em todo território nacional, sendo submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (CEP/HU/UFMA), cuja aprovação ocorreu através do parecer consubstanciado nº 068/08 emitido dia 25/03/08.

Adotou-se o modelo bioecológico de investigação (BRONFENBRENNER, 1996), cujos estudos são realizados em ambiente natural com a inserção ecológica das pesquisadoras, havendo contato direto com as crianças e suas mães nos ambientes familiares, integrando o ambiente do fenômeno investigado.

A pesquisa descritiva compreendeu, sobretudo, as descrições das orientações fornecidas às mães sobre brinquedos adaptados e o uso de cores mais adequadas para a estimulação visual de crianças com baixa visão na 1ª infância. A pesquisa de campo foi realizada com 3 crianças do sexo feminino, com baixa visão causada por retinopatia da

prematuridade, nos dois primeiros anos de vida, residentes na cidade de São Luís-MA, com idade média de 17 meses à seleção para a pesquisa, não apresentavam outras deficiências associadas, selecionadas no Ambulatório de Seguimento de Bebês Egressos da Unidade de Terapia Intensiva Neonatal de um hospital público infantil da referida cidade e suas mães, cuja média de idade foi de 21 anos; duas (66,66%) tinham ensino médio completo e apenas uma (33,345) ensino fundamental incompleto e exerciam a ocupação de dona de casa. Para preservar o anonimato das crianças com baixa visão e de suas mães, as mesmas receberam números de 1 a 3.

Nos ambientes familiares foram efetivadas as observações sistemáticas das oportunidades de estimulação proporcionadas pelas mães às crianças estudadas nas situações de rotina da criança, verificaram-se os brinquedos existentes, se eram adequados e as cores deles e realizaram-se orientações sobre o uso de cores mais adequadas e de brinquedos adaptados para a estimulação visual de crianças com baixa visão na 1ª infância para serem utilizados nas brincadeiras em seus ambientes familiares durante as situações de rotina. Utilizou-se, então, nessas observações sistemáticas o Roteiro de Oportunidades para o Desenvolvimento Neuromotor da Criança com Deficiência Visual (AHEMD-DV) de Silva (2009) e que foi adaptado de dois instrumentos: Roteiro de Observação Ambiental/Lar (SILVA, 1998) e do Inventário Oportunidades no Lar para o Desenvolvimento Motor (AHEMD) de Rodrigues, Saraiva e Gabbard (2005).

O AHEMD-DV de Silva (2009) teve como objetivo principal identificar as oportunidades estimuladoras proporcionadas pelas mães nos seus ambiente familiares para as crianças de baixa visão e cegas na 1ª. infância nas situações diárias, bem como os brinquedos adaptados presentes nos ambientes familiares dessas crianças. Assim, as pesquisadoras durante as duas primeiras semanas de observação nos ambientes familiares das crianças selecionadas procuraram verificar os brinquedos existentes, suas cores para preencherem as informações do AHEMD-DV (SILVA, 2009).

As orientações fornecidas às mães sobre o uso de cores mais adequadas e de brinquedos adaptados para a estimulação visual de crianças com baixa visão na 1ª infância para serem utilizados nas brincadeiras em seus ambientes familiares durante as situações de rotina foram baseadas nos seguintes materiais: 1- kit contendo os diferentes brinquedos e brincadeiras para crianças normais com as adaptações que se fizeram necessárias (PÉREZ-RAMOS; PERA; 2002); 2- sugestões sobre brincadeiras e brinquedos adaptados para crianças com deficiência visual (BRUNO, 1993; BRUNO; MOTA, 2001; SIAULYS, 2006). Enfim, foram utilizados nas referidas orientações objetos e brinquedos sonoros e não sonoros, luminosos, brilhosos, de cores

fortes, padrão com alto contraste, de diferentes texturas, formas e tamanhos como recursos para a realização de atividades estimuladoras nos ambientes familiares pesquisados, conforme recomendações de Bruno (1993) e Hyvärinen (1995).

Os aspectos utilizados nas orientações às mães sobre as adaptações dos brinquedos e materiais para crianças com baixa visão na 1ª. infância foram aqueles propostos por Bruno (1993), Bruno e Mota (2001), Pérez-Ramos e Pera (2002), Teixeira et al (2003), Trombly e Radomski (2005), Siaulys (2006) e Motta, Marchiore e Pinto (2008).

As orientações elaboradas para cada ambiente familiar foram baseadas na abordagem centrada na família. Segundo McWilliam, Winton e Crais (2003) essa abordagem teve sua origem nas perspectivas de Bronfenbrenner (1996) e de Hobbs et al. (1984) sobre os sistemas ecológico e social. As intervenções realizadas envolveram as crianças e suas mães, responsáveis por seus cuidados e estimulações, porque na abordagem centrada na família há uma influência mútua entre todos os membros de uma família, de forma que o bem-estar de cada uma afeta todos os outros (McWILLIAM, WINTON; CRAIS, 2003).

As orientações tiveram a duração de 5 meses com as mães de cada criança, ocorriam duas vezes por semana, em sessões individuais, de duas a três horas, incluindo treinamento para confeccionarem brinquedos adaptados à baixa visão e acompanhamentos semanais das atividades pelas pesquisadoras. Esses acompanhamentos tiveram como objetivos verificar se as mães estavam efetivando as orientações fornecidas com suas filhas e identificar as dificuldades encontradas por elas. Nessa ocasião, foram fornecidas às mães outras orientações pelas pesquisadoras para facilitar a compreensão dessas informações pelas mães e sua aplicação com as crianças. Quando necessário, as orientações foram reajustadas às necessidades das crianças, aos ambientes familiares, durante essa pesquisa para proporcionar benefícios significativos para as crianças e suas mães.

Para realizar as orientações com as mães, as pesquisadoras utilizaram o seguinte procedimento: primeiro explicavam algumas orientações gerais sobre a deficiência visual, os atrasos ocasionados por essa deficiência e o que as mães deveriam fazer para melhorar o desenvolvimento neuromotor das crianças e estimularem a visão das crianças com baixa visão, conforme as situações encontradas nos ambientes familiares. Depois, explicavam as atividades estimuladoras, uma de cada vez, enquanto realizavam tais atividades com as crianças nas situações de rotina como brincar, banho, troca e alimentação. Durante a realização das atividades estimuladoras, as pesquisadoras falavam sobre seus objetivos, as situações de rotina nas quais seriam realizadas, os objetos e brinquedos a serem utilizados. Ao mesmo tempo em que realizavam as atividades com as crianças, utilizando os brinquedos

adaptados, as pesquisadoras conversavam com as mães sobre as cores adequadas para estimulação visual. Na explicação sobre os brinquedos, destacavam a importância de estimular a visão das crianças, utilizando aqueles de cores fortes (amarelo, vermelho, laranja), com padrões de alto contraste (preto-branco, preto-amarelo, preto-vermelho, amarelo-vermelho, roxo-amarelo), brilhosos, luminosos, os quais deviam ser apropriados à idade e aos estágios de desenvolvimento infantil, conforme a reação visual, a motivação e o interesse das crianças. Por último, solicitavam que as mães repetissem o que foi explicado, realizando as atividades estimuladoras sugeridas com suas filhas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a aplicação do AHEMD-DV (SILVA, 2009) foi possível registrar os brinquedos existentes nos ambientes familiares das três crianças investigadas. Os brinquedos e materiais de estimulação existentes no ambiente familiar da criança 1 antes das orientações das pesquisadoras compreenderam chocalho colorido com bolas amarelo, azul e rosa; uma abelha de pelúcia com contrastes amarelo e preto; um cavalinho de plástico colorido para puxar; um urso marrom de pelúcia; um cachorro branco de pelúcia com blusa vermelha, orelhas e nariz pretos e dois cubos de tecido com vogais. Os brinquedos e materiais de estimulação presentes no ambiente familiar da criança 2 antes das orientações das pesquisadoras eram uma boneca de plástico, sem cabelo; um passarinho de pelúcia nas cores preto, com olhos, bico e pernas amarelas; um chocalho colorido com bolas amarelo, azul e rosa; sete bolas de bilhar coloridas (branco, amarelo, azul, rosa e lilás); uma máquina fotográfica (sem uso) e um celular de plástico (rosa e cinza). Os brinquedos e materiais de estimulação existentes no ambiente familiar da criança 3 antes das orientações realizadas pelas pesquisadoras compreenderam duas bonecas de plástico (uma com e a outra sem cabelo); um coelhinho de pelúcia branco e azul e uma boneca moranguinho.

Percebeu-se que a maioria dos brinquedos das crianças 1, 2 e 3 era inadequada, considerando-se os seguintes aspectos recomendados Bruno (1993), Bruno e Mota (2001), Pérez-Ramos e Pera (2002), Teixeira et al (2003), Trombly e Radomski (2005), Siaulys (2006) e Motta, Marchiore e Pinto (2008). Tais aspectos compreenderam: 1- presença de brinquedos e materiais apropriados às necessidades, características e potencialidades das crianças com baixa visão e aos períodos etários dessas crianças; 2- ausência de brinquedos e materiais compatíveis com a condição visual delas (brinquedos de cores fortes, com alto padrão de contraste, brilhosos, luminosos e/ou multissensoriais); 3- ausência de

brinquedos que provocassem reação visual nelas; 4- inadequação dos brinquedos quanto à ampliação no tamanho deles para facilitar a percepção visual pelas crianças; 5- ausência de brinquedos e materiais com formas e tamanhos adequados às mãos das crianças ou estreitos e compridos para facilitar a preensão por parte delas; 6- ausência de brinquedos e materiais bem adaptados e construídos para não apresentarem riscos ou danos às crianças com baixa visão.

As orientações proporcionadas às mães basearam-se em informações voltadas para o aumento da estimulação visual de suas filhas, diminuição dos estímulos auditivos, que eram abundantes durante a estimulação visual; melhor adaptação dos brinquedos, em especial quanto ao tamanho para facilitar a apreensão manual e com padrão de alto contraste para ajudar na percepção visual. Enfatizou-se que os brinquedos e as brincadeiras para crianças com baixa visão deveriam ser selecionados em função da idade, das características, necessidades e das potencialidades dessas crianças e de seu entorno, aproveitando-se as situações de rotina diária para brincar com elas. Recomendou-se a utilização de materiais de uso diário, de sucata ou recicláveis existentes nos ambientes familiares para confecção de brinquedos de cores fortes; padrões de alto contraste; padrões de *gratting*; fluorescentes; brilhosos e luminosos, conforme Bruno e Mota (2001).

As mães foram orientadas para a observação das cores que as suas filhas visualmente mais reagiam (amarelo, vermelho, laranja), os padrões de alto contraste preferidos (amarelo/preto; preto/branco; cinza/preto; amarelo-preto; vermelho-preto); as cores fluorescentes, que mais chamaram sua atenção. Enfatizou-se, também, nas orientações que as crianças com baixa visão podem apresentar reações particulares e diferenciadas às cores, apesar de apresentarem a mesma patologia. Algumas delas às vezes preferem o amarelo e laranja por possuírem mais luminância e outras mostram mais interesse pelo rosa forte, verde limão ou vermelho, bem como outras reagem somente aos altos contrastes como preto-branco, amarelo-preto, azul-amarelo, roxo-amarelo. Foi, ainda, orientado que se deve iniciar com a oferta de brinquedos dos quais mais gostam e, gradativamente, introduzir nas brincadeiras aqueles que elas rejeitam. Tais orientações estão de acordo com aquelas sugeridas por Bruno e Mota (2001)

O quadro 2 apresenta de maneira esquemática as orientações prestadas à mãe da criança 1 e os brinquedos utilizados com ela:

Quadro 2- Algumas orientações fornecidas à mãe da criança 1 sobre brinquedos adaptados à deficiência visual

TEMA 1 – BRINQUEDOS ADAPTADOS À BAIXA VISÃO	
ORIENTAÇÕES	1ª. Informação sobre alguns brinquedos adaptados à deficiência visual, explicando as cores e os contrastes adequados para estimular de forma eficaz a visão dessa criança, incluindo objetos brilhantes e luminosos.
	2ª. Informação de que os referidos brinquedos seriam utilizados por longo tempo, de acordo com o interesse e a reação visual da criança às cores fortes, ao brilho e à luminosidade.
	3ª. Foi recomendado que a mãe observasse, ao longo das orientações e estimulações realizadas, quais brinquedos e cores mais despertam o interesse e que provocam reação visual dessa criança.
	4ª. Para estimular a visão é necessário considerar a acuidade visual da criança, utilizando, na ordem, objetos e brinquedos de cores fortes, de alto contraste, brilhantes e luminosos.
OBJETIVO	Identificar brinquedos de cores fortes, com alto contraste, brilhantes e luminosos a serem utilizados para estimular o resíduo visual da criança.

Fonte: Silva (2009)

Quadro 2 - Algumas orientações fornecidas à mãe da criança 1 sobre brinquedos adaptados à deficiência visual (cont.)

TEMA 1 – BRINQUEDOS ADAPTADOS À BAIXA VISÃO	
BRINQUEDOS ADAPTADOS	<ul style="list-style-type: none"> - Tapetinho feito em tecido macio e acolchoado, em cores contrastantes, preto-branco, com desenhos e formas em alto relevo como listras, círculos, bolas e xadrez; - Fantoches com altos contrastes: preto-branco, vermelho-branco, vermelho-preto, vermelho-amarelo; - Bolas pequenas com diferentes contrastes; texturas, cores e com guizos; - Raquetes com contrastes preto-branco, preto-vermelho e vermelho-branco; - Cubos, potinhos coloridos com contrastes; - Mamãe sacode dourado, prateado e vermelho; - Chocalho prateado, dourado; copo pisca-pisca; - Chupeta e óculos pisca-pisca; bolas coloridas pisca-pisca; - Lanterna e espelho.
CORES FORTES E CONTRASTES RECOMENDADOS	<ul style="list-style-type: none"> - Amarelo, vermelho e laranja. - Preto-branco, preto-vermelho, preto-amarelo, amarelo-vermelho.

Fonte: Silva (2009)

As informações mostradas no quadro 2 compreenderam aquelas fornecidas à mãe da criança 1, durante as orientações realizadas com ela sobre o tema 1, o qual recebeu a denominação de brinquedos adaptados à baixa visão

Para que as mães tivessem as condições mínimas e realizassem com as crianças durante e após a pesquisa as orientações recebidas, foram montados e doados kits individuais de estimulação. Os vários kits de estimulação foram organizados, tendo-se como referência as condições visuais das crianças, aspectos empregados nas adaptações dos brinquedos e materiais utilizados no AHEMD-DV (SILVA, 2009).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as mães fossem as pessoas com quem as crianças com baixa visão mais interagiam e sentiam segurança, sendo as principais responsáveis pelos seus cuidados e pelas

suas oportunidades de estimulação na 1ª infância, não estavam preparadas para estimular o brincar delas de maneira eficiente. Por esse motivo, foram orientadas sobre vários aspectos como a importância de observarem a condição visual dessas crianças, com o intuito de fazerem adaptações dos brinquedos a serem utilizados nas atividades estimuladoras, levando em consideração que durante a brincadeira as crianças precisam sentir prazer e aprender a “enxergar” para que sejam propiciados benefícios para elas.

Todas as três mães não tinham, ainda, recebido informações sobre como estimularem suas filhas com baixa visão nos dois primeiros anos de vida, bem como não sabiam quais cores e brinquedos adaptados ao problema visual infantil, deveriam ser utilizados nas brincadeiras, quando foram realizadas observações em seus ambientes familiares e antes das orientações fornecidas pelas pesquisadoras. Nenhuma das três mães aproveitava as situações de rotina existentes para estimularem e promoverem avanços nos desenvolvimentos motor e visual de suas filhas; realizavam mecanicamente os cuidados diários, atendo-se à execução das situações de rotina como uma obrigação e não como uma situação prazerosa de interação entre a díade mãe-criança, bastante adequada para as estimulações visual e motora das crianças.

Com as orientações as mães aprenderam a observar a condição visual de suas filhas para selecionarem e utilizarem brinquedos com alto padrão de contraste, de cores fortes, luminosos voltados para a melhora da acuidade visual delas e a usarem brinquedos de tamanhos adequados para facilitação da preensão pelas mãos das crianças com baixa visão.

Não existe “brinquedo para crianças com deficiência”, porque são exatamente os mesmos utilizados nas brincadeiras com qualquer criança. Entretanto, é necessário selecioná-los com mais cuidado e serem compatíveis com as necessidades e com o grau de acuidade visual das crianças com baixa visão. Os diferentes brinquedos sugeridos nesta pesquisa para a estimulação visual de crianças com baixa visão podem ser utilizados por qualquer criança sem deficiência e nas correspondentes faixas etárias, sem a preocupação com as adaptações sugeridas. Ressalta-se que os brinquedos utilizados pelas três mães foram de fácil confecção, feitos com materiais de baixo custo e presentes no dia a dia de qualquer criança.

Ressalta-se que as orientações realizadas nos ambientes familiares das crianças estudadas, com a participação efetiva das mães, contribuíram com os benefícios proporcionados às crianças, às suas genitoras e a todos os ambientes familiares. Foi preciso proporcionar às crianças com baixa visão ambientes familiares ricos em estimulação multissensorial, que favorecessem a integração entre os sentidos da visão, tato, audição,

propriocepção para promoção do desenvolvimento integral dessas crianças e diminuïrem as lacunas encontradas no seu desenvolvimento, em função da baixa visão apresentada.

Enquanto a criança aprendia a usar a visão foi muito importante que as mães colocassem no seu campo visual objetos e brinquedos de cores vibrantes (amarelo, vermelho, laranja, verde limão, rosa forte), de padrões de alto contraste (preto-branco, preto-amarelo, preto-vermelho, amarelo-vermelho, azul/amarelo, roxo-amarelo), padrões de grating (listras) fluorescentes, brilhosos e luminosos como lanternas, luzes coloridas e com pisca-pisca.

Quanto às adaptações dos brinquedos alguns aspectos foram considerados na estimulação visual de crianças com baixa visão como: a necessidade de serem práticos, funcionais e de aceitação por essas crianças; aumento de contraste, uso de cores fortes e ampliação no tamanho dos brinquedos para facilitarem a percepção visual delas; garantia de que as adaptações de brinquedos para crianças com baixa visão fossem eficientes; ter um objetivo específico a ser atingido; não encorajar nem exigir movimentos ou posturas fora do comum; os brinquedos devem ser bem adaptados e construídos para não apresentarem riscos ou danos à criança.

Concluiu-se que após as orientações, as mães se sentiram instrumentalizadas para a promoção de estimulação visual às crianças com baixa visão, oportunizaram vivências sensorio-motoras às suas filhas, resultando em melhora da acuidade visual delas.

REFERÊNCIAS

ALVES, M.; KARA-JOSÉ, N. A criança deficiente visual. In: ALVES, M. R.; KARA-JOSÉ, N. **O olho e a visão: o que fazer pela saúde ocular das nossas crianças**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 98-103.

BOTEGA, M. B. S.; GAGLIARDO, H. G. R. G. Intervenção precoce na deficiência visual: o que fazemos? **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 46-50, 1998.

BRAZELTON, T. B.; NUGENT, J. K. **Neonatal behavioral assessment scale**. 3rd. London: Mac Keith Press, 1995.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRUNO, M. M. G. **O desenvolvimento integral do portador de deficiência visual: da intervenção precoce à integração escolar**. 2. ed. Campo Grande: Plus, 1993.

- BRUNO, M. M. G.; MOTA, M. G. B. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001. v. 1. Fascículo I-III. (Série Atualidades Pedagógicas, 6).
- BUENO, S. T. Motricidade e deficiência visual. In: MARTIN, M. B.; BUENO, S. T. **Deficiência visual: aspectos evolutivos e educativos.** São Paulo: Ed. Santos, 2003. p. 145-154.
- CAVALCANTE, A. M. M. **Educação visual: atuação na pré-escola.** 1995. Disponível em: http://www.ibcnet.org.Br/Nossos_Meios/RBC/PUBLIC/RevSet1995/Artigos3.doc. Acesso em: 18 maio 2007.
- COBO, A. D.; RODRÍGUEZ, M. G.; BUENO, S. T. Desenvolvimento cognitivo e deficiência visual. In: MARTIN, M. B.; BUENO, S. T. **Deficiência visual: aspectos evolutivos e educativos.** São Paulo: Santos, 2003. p. 97-115.
- GAGLIARDO, H.G.R.G.; NOBRE, M.I.R.S. Intervenção precoce na criança com baixa visão. **Revista de Neurociências**, v. 9, n.1, p. 16-19, 2001.
- GARCIA, T. S. Atención temprana: la atención a la familia. In: CONGRESO VIRTUAL INTEREDVISUAL SOBRE INTERVENCIÓN EDUCATIVA Y DISCAPACIDAD VISUAL, 1., 2003, [Madrid] **Anais...** [Madrid]: [s.n], 2003.
- GONÇALVES, H. A. **Manual de metodologia da pesquisa científica.** São Paulo: Avercamp, 2005.
- GONÇALVES, V. M. G.; GAGLIARDO, H. G. R. G. Aspectos neurológicos do desenvolvimento do latente de baixa visão. **Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 7, n. 40, p. 33-39, 1998.
- GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica.** 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.
- HOBBS, U. et al. **O fortalecimento das famílias.** San Francisco: Jossey- Bass, 1984.
- HYVÄRINEN, L. Considerations in evaluation and treatment of the child with low vision. **Americ J Occupational Therapy**, v. 49, n.9, p. 891-897, 1995.
- HYVÄRINEN, L. **La visión normal y anormal en los niños.** Madrid: Organización Nacional de Ciegos Españoles, 1990.
- MALUF, A. C. M. **Brincar: prazer e aprendizado.** Petrópolis: Vozes, 2003.
- McWILLIAM, P. J.; WINTON, P. J.; CRAIS, E. R. **Estratégias práticas para a intervenção precoce centrada na família.** Portugal: Porto Editora, 2003.
- MASINI, E. F. S.; GASPARETTO, M. E. R. F. **Visão subnormal: um enfoque educacional.** São Paulo: Vetor, 2007.
- MOTTA, M. P.; MARCHIORE, L. M.; PINTO, J. H. Confecção de brinquedo adaptado: uma proposta de intervenção da terapia ocupacional com crianças de baixa visão. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 139-145, abr./jun. 2008.

PÉREZ-RAMOS, A. M. Q.; PERA, C. **Brinquedos e brincadeiras para o bebê: kit para criança nos seus primeiros anos de vida: manual de orientação**. 2. ed. São Paulo: Vetor, 2002.

RODRIGUES, M. R. C. Psicomotricidade e deficiência visual: estimulação precoce. In: FERRERA, C. A. M.; RAMOS, M. I. B (Orgs.). **Psicomotricidade: educação especial e inclusão social**. Rio de Janeiro: Wak, 2007. p. 63-87.

RODRIGUES, L.; SARAIVA, L.; GABBARD, C. Development and structural validation of an inventory for assessing affordances in the home environment for motor development. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v.76, p.140-148, 2005.

SIAULYS, M. O. C. **O brincar para todos**. São Paulo: Laramara, 2006.

SILVA, S. M. M. da. **Avaliação e intervenção sócio-neuromotora de crianças com marasmo na 1ª infância**. 1998.434f. Tese (Doutorado em Educação Motora) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Educação Motora, 1998. 2v.

SILVA, S. M. M. da. **Brincar na família: benefícios dos guias de orientação para pais ou cuidadores de crianças com deficiência visual na 1ª. infância em São Luís-MA**. 1399 f. 2009. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado em Educação Especial) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

TEIXEIRA, E. et al. **Terapia ocupacional na reabilitação física**. São Paulo: Roca, 2003.

TROMBLY, C. A.; RADOMSKI, M.V. **Terapia ocupacional para disfunções físicas**. 5. ed. São Paulo: Santos, 2005.